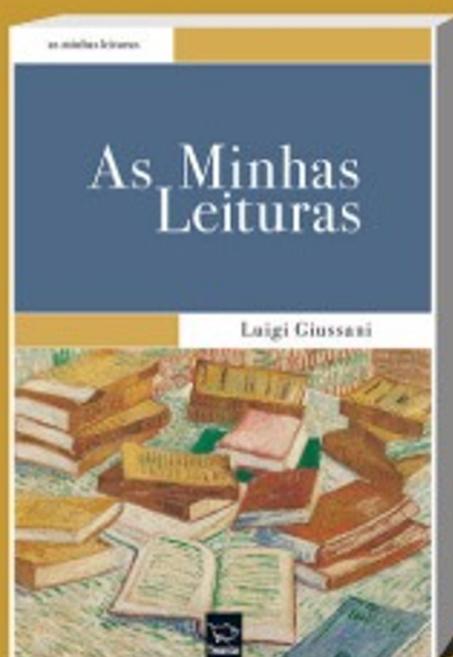


# Apresentação do Livro do Mês

5ª feira, dia 16 de Abril de 2020, às 21:30, via Zoom



## As Minhas Leituras de *Luigi Giussani*

Com **Davide Rondoni**, poeta, escritor e dramaturgo italiano, autor de vários prefácios de livros de *don* Giussani



## Apresentação do Livro do Mês

### *As Minhas Leituras* de Luigi Giussani

16 de abril 2020

Com **Davide Rondoni**, poeta, escritor e dramaturgo italiano, autor de vários prefácios de livros de *don* Giussani

#### **M<sup>a</sup> Rosário Lupi Bello (MRLB)**

O que nos traz a todos aqui hoje é a vontade de sermos ajudados à leitura do livro do mês *As Minhas Leituras*, que é um livro muito particular sobre o valor da leitura, no qual encontramos o elenco dos autores preferidos por *don* Luigi Giussani. Aprender a compreendê-los, a lê-los melhor, é uma forma de nos identificarmos com o olhar, com a sensibilidade e com o coração de *don* Giussani. Convidámos o nosso amigo Davide Rondoni, que é poeta, escritor, dramaturgo, tradutor, e que prefaciou alguns livros de Giussani e de outros grandes autores; conheceu pessoalmente *don* Giussani e conversou com ele sobre literatura, a vida, a arte. Sendo poeta, Davide Rondoni é um homem que trabalha com as palavras, e que pode, por isso, ajudar-nos a penetrar no valor que as palavras tinham para *don* Giussani, um valor que, mais do que literário em sentido estrito, era poético - como ele nos irá explicar. Agradecemos-lhe muito a sua presença, que é um gesto de amizade para connosco.

A educação que recebemos do carisma de *don* Giussani está cheia de referências a autores literários e a outros artistas. De onde vinha, para Giussani, este interesse "estético" pela literatura, a arte, a poesia? Trata-se de um método educativo, ou de algo mais profundo?

#### **Davide Rondoni**

Da parte de Giussani não é tanto o interesse estético nem o amor à literatura. Ou melhor, o interesse estético e o amor à literatura vêm porque ele encontrou estas vozes destes autores. Ou seja, encontrou a voz de homens que fizeram crescer a sua humanidade. A vida é um risco, e quando se arrisca é preciso confiar-se aos autores. Giussani fala muitas vezes também de Dante. A *Divina Comédia*<sup>1</sup> começa com um homem que está perdido na selva. Porque a vida é uma selva, não é um lugar claro. Dante conta que enquanto está na selva vê uma figura não muito clara, não muito precisa, mas em que ele acaba por reconhecer Virgílio, um grande autor. E então, para a sua viagem na selva, confia-se a Virgílio. Na vida, podemos errar em muitas coisas. Podemos errar no nosso dinheiro, às vezes até podemos perder o rosto, mas não podemos enganar-nos nos autores, até porque os autores ou os escolhes ou são-te impostos pelo poder. E *don* Giussani fez um gesto de generosidade, disse: “estes são

---

<sup>1</sup> Dante, *Divina Comédia*, Quetzal, Lisboa, 2016

os autores que me fizeram crescer. Desafio a vossa humanidade a confrontar-se com eles”. Neste sentido, é uma partilha de *don* Giussani que faz parte de um método educativo, porque sem autores não há educação.

### **MRLB**

De facto, quem conhece, quem lida com *don* Giussani, nota que para ele as palavras têm muito valor, que *don* Giussani dava realmente importância à palavra, e não só às palavras quotidianas. Notamos na educação do Movimento como ele tantas vezes vai à raiz etimológica das palavras, e também notamos a importância que dá às palavras mais poéticas, mais profundas. Porquê? Qual a razão disto?

### **Rondoni**

A vida torna-se vida graças às palavras. Tudo aquilo que está a acontecer neste momento: o candeeiro vermelho nas minhas costas, os teus brincos com a pérola branca, o coronavírus, parece um bocado um caos. O que é que o coronavírus tem a ver com as pérolas brancas? Tudo isto que parece caótico torna-se a nossa vida graças às palavras que usamos. A existência torna-se a minha vida graças às palavras que eu uso. A palavra, ainda antes de ser um instrumento de expressão (os neurolinguistas sabem-no bem), é um instrumento de conhecimento: com as palavras nós pensamos e conhecemos. O homem tende a usar as palavras mais ricas quando a vida é rica, não se pode ter conversas banais sempre sobre tudo. A parte poética da língua nasce quando o homem é tocado, neste caos que é o mundo, por algo de belo, de bom, de grande. Ou seja, quando a vida se revela intensa e misteriosa, as palavras banais, as palavras do costume, já não bastam. Por exemplo, quando falo de poesia aos mais novos, digo-lhes que a faculdade poética é de todos. Quando tu te apaixonas já não usas só o nome de registo do teu amado ou da tua amada. Não dizes: “Rosi, Laura, quanto te amo!”. Não basta o nome de registo, inventas alcunhas, como “minha borboleta”, usas metáforas poéticas. E mais do que o nome próprio, o nome de registo, quanto mais a relação é profunda e viva, mais inventas palavras. Eu dizia a *don* Giussani que o seu modo de falar era poético. Ele dizia que tudo o que tinha feito era poesia. Mas em que sentido? Não só no sentido literário, mas a palavra poética é aquela que enquanto fala de uma coisa, está a conhecê-la. Se eu digo a uma rapariga “minha borboleta”, em vez de lhe chamar Laura, eu estou à procura, através das palavras, de conhecer a elegância e a graça que há nela. Isto acontece ao Homem sempre que as experiências são importantes: o amor, a morte, a dor, a vitória, o drama. As coisas mais importantes não são fáceis de dizer. E, de facto, *don* Giussani tinha uma maneira sua de falar de tudo, do vinho ou de Deus; mas não eram palavras que ele já sabia e que ele utilizava para explicar as coisas, eram palavras vivas, palavras que estão à procura do objeto do qual falam. É isto que fazem os poetas; não sabem do que falam, e às vezes parecem loucos, mas dizem a verdade, porque põem na ribalta o mundo, inventando palavras aparentemente estranhas. Por exemplo, *don* Giussani, no meio de todos os modos que há para definir o Cristianismo, usava muitas vezes a palavra “Acontecimento”, que é uma palavra não muito usada no âmbito da tradição cristã (talvez o conceito sim, mas a palavra não). E usando esta palavra via-se que estava a sublinhar uma característica importante do Cristianismo, que não é uma religião, não é uma lei, não uma moral, mas é antes de mais um facto, uma coisa que aconteceu, um evento. E isto parece uma invenção poética.

## **MRLB**

Neste livro, *As minhas leituras*, encontramos um elenco de vários desses autores preferidos por *don* Giussani. É possível, na tua opinião, encontrar neles uma dimensão qualquer comum, uma característica, um critério, que possa de alguma forma explicar a preferência que Giussani tinha por eles? Porquê estes?

## **Rondoni**

Estes são os autores que uma grande tradição tinha proposto a *don* Giussani. Ele partiu da proposta que a sua tradição lhe fez. Por isso, encontramos autores que, para todos os italianos, são autores conhecidos desde a escola: Dante, Leopardi, Pascoli. Porque a primeira maneira de encontrar os autores certos para a nossa vida é verificar a própria tradição. E assim criar uma tradição nova. Para muitos de vós, em Portugal, o nome de Pascoli não quer dizer quase nada; talvez Dante e Leopardi sim, mas Pascoli não. Ora, através das palavras de *don* Giussani, Pascoli pode tornar-se também um vosso autor, porque a tradição não é apenas aquilo que se recebe de maneira inerte, mas é uma coisa que se renova sempre. Os autores renovam a tradição. Neste sentido, Giussani torna-se um autor que renova a tradição.

Há neste conjunto de autores, muitos vindos da tradição italiana, mas também alguns nomes como Ibsen e Dreyer que vêm de outras tradições; se existe um fio comum, uma linha condutora, algo que une todos estes autores, como me perguntava a Rosarinho, é que estes homens levaram a sério a inquietação do coração. São todos autores que, nas obras deles, não fazem batota com o coração. Percebem, vêm e fazem-nos ver que o nosso coração é um abismo, é a maior coisa que existe, maior do que o Universo. De facto, nós conseguimos conceber o Universo, porque, como dizia o Leopardi, somos muito pequenos, mas somos o pontinho que toma consciência do Universo, e por isso somos a coisa maior. São todos autores em que esta grandeza do coração, esta vastidão do coração se sente e se documenta. Documenta-se de um modo maravilhoso, com grandes obras, com grande capacidade artística. E estes grandes corações fazem contas com uma coisa grande, que é o Mistério da vida. Sobretudo da vida quando se revela mais misteriosa, na experiência da beleza, do amor, da morte e da amizade. Este é talvez um fio comum que os une. São autores muito belos, muito ricos e muito variados. Giussani tinha umas preferências um bocado “destrambelhadas”, mas é uma belíssima oferta que ele nos faz.

## **MRLB**

Entre todos esses autores, há um que é Leopardi, sobre o qual muitos de nós aprendemos; Giussani chegava a usar poemas seus como forma de oração.

Será então possível identificar, entre estes vários autores que aparecem neste livro, Leopardi, Dante, Claudel, Eliot, Péguy, Mounier, etc, algum ou alguns que possamos dizer que estão mais fundo na raiz do sentimento e da intuição de *don* Giussani, do seu olhar? Sim ou não?

## **Rondoni**

Dizia ele que Leopardi como poeta marcou-o muito. Leopardi é um grande poeta da Modernidade. Por isso *don* Giussani sentia-o muito próximo, porque as perguntas de Leopardi, o desespero de Leopardi, a angústia de Leopardi são comuns a todo o Homem moderno. Tanto que Leopardi teve grandes homens da literatura a lerem as suas obras, isto até ao nosso tempo, desde Nietzsche até Fernando Pessoa, todos leram

Leopardi. Porque Leopardi documenta este Homem moderno que sente o seu coração tão cheio de pergunta, tão cheio de desproporção, e também tão cheio deste sentido de impotência diante da vida. Mas documenta também esta capacidade de se espantar, de se maravilhar. Leopardi sentia muito a fugacidade da existência, tal como vemos nestes dias. Interrogava-se, como nós fazemos hoje, sobre o que é que é a Natureza, numa época, tanto na sua, como na nossa agora, em que uma parte da sociedade pinta a Natureza como uma coisa belíssima, em que é preciso respeitar, plantar árvores, comer comida biológica. Mas é essa mesma Natureza que te manda o vírus (a Natureza ajudada pelos chineses, neste caso...). A Natureza também faz das suas. E por isso, Leopardi interrogava-se sobre isto. Por exemplo, ele não acreditava que a Natureza fosse uma Mãe, não acreditava na Mãe-Natureza. Não é a Gaia dos filósofos contemporâneos, mas a Natureza como um mistério tremendo, que exalta no Homem também o sentido da sua fragilidade. Giussani sentia que Leopardi exprimia sinceramente esta inquietação, esta pergunta. Giussani dizia que Leopardi é como um Homem moderno que quereria encontrar o Cristianismo, e desejava isto 1800 anos depois de o Cristianismo ter começado. Porque Leopardi tinha conhecido um Cristianismo reduzido a moral e a tradição, e por isso não lhe interessava. E sendo Leopardi, no fundo, no fundo, cristão (eu estudei-o bem), o sentimento da vida que ele tinha e a sua inquietação pareciam não ter resposta, e a *don* Giussani interessava-lhe isto. Mas a Giussani interessava-lhe isto porque ele, Giussani, era assim. E isto vale para todos os poetas, todos os que estão nestas coisas; estas coisas não te interessam como argumentos, interessam-te porque tu as sofres. O sentido do Nada de que fala Leopardi, Giussani sabia o que era.

### **MRLB**

Antes da última pergunta que queria fazer: Giussani arriscava muito ao propor aos jovens a leitura de livros muito exigentes, livros muito difíceis, não é verdade? Não é a atitude habitual no nosso tempo em que, no geral, as pessoas lêem pouco, lê-se pouco.

### **Rondoni**

Não, não! Os jovens lêem muito! Nunca houve geração no Mundo como esta que troca tantas palavras e tantos textos, nunca houve uma que tenha lido tanto, só que é uma leitura superficial, é uma coisa para distrair. E, sobretudo, não nos ajudamos a olhar para aquilo de que eu falava no início, para o sentido da vida como um risco. Se a única coisa que te interessa na vida é fazeres uns bons investimentos, teres uns seguidores no Facebook ou ser famoso, para que é que te há de interessar Leopardi, Dante ou *don* Giussani?

Por isso, a proposta de leituras de Giussani, às vezes exigentes, era antes de mais um grande ato de estima, era uma avaliação positiva da pessoa que tinha diante de si: se te dou a ler Leopardi, é porque acho que tens uma profundidade e um sentido da vida que é rico, e porque acho que tu quando olhas para a pessoa que tu amas, para os teus filhos e para o Mundo, sentes um arrepio de inquietação. Não te considero uma “mosca morta”, uma truta. Não me interessa o teu consenso fácil, nem me interessa o teu voto, nem me interessa um slogan. Mas eu acho que a tua vida é uma coisa tão rica e tão profunda, que se pode confrontar com os grandes génios da Humanidade. Senão basta-te ver o “X Factor”, que não é mau, mas não chega.

Como conto sempre acerca dos “talent shows” aos mais novos, e todos os mais novos justamente viram e vêem os “talent shows”: Quando vou às escolas e pergunto “quem é que inventou os “talent shows?”, todos dizem “ah, deve ter sido um americano ou algum cantor” e eu digo “não, não, o “talent show” inventou-o um jovem rapaz de 30 anos, muito esperto, que se chamava Jesus de Nazaré”. Na parábola dos talentos diz-se que tu tens uma grande riqueza dentro. Que todos nós temos um talento, que é como um dinheiro, um investimento dentro de nós. Que é um dom, não é um sonho. Se tu não jogas esse talento, se não usas esse talento, vais para o Inferno. E por isso seguramente do outro lado há de haver Inferno, mas aqui o Inferno é viveres a tua vida sem usares o teu talento.

Para voltar à pergunta, tantos de nós que lemos os livros de Giussani tornámo-nos diferentes.

### **MRLB**

No final do livro, Davide, faz-se uma referência a três filmes: dois do Dreyer (que já citaste) e um de Dellanoy. O que é que nos podes dizer sobre essas obras e também sobre este valor da Sétima Arte para *don* Giussani, o Cinema?

### **Rondoni**

Eu acho que ele não tinha cá o problema do valor das artes. Eu acho que ele não era um cinéfilo, até porque pertencia a uma geração que, quando era jovem, não viu muito cinema, mas não era por isto que não amava o cinema. Eu lembro-me uma vez (porque estava sentado ao lado de Giussani) em que ele pôs milhares de jovens em Rimini a ver um filme – eu acho que era o *Dias de Ira*, do Dreyer – o filme, que não era propriamente o *Rambo* com toda a sua velocidade, era um filme a preto e branco, com diálogos muito intensos. A uma dada altura, numa piada no filme, talvez até por causa da linguagem um bocado antiquada, ouviu-se na sala um risinho lá para trás. E *don* Giussani levantou-se a chorar. Ele estava ao meu lado, levantou-se e estava mesmo a chorar. Subiu ao palco, acusando esta estúpida distração, esta maneira superficial de olhar para o filme.

E isto é muito importante, isto que eu vou dizer, e Giussani sabia-o muito bem: uma obra de arte faz-se sempre a dois. Leopardi faz a parte dele, mas tu também tens de fazer a tua. Se tu não aceitas o desafio do autor, de alguma maneira não empenhas a tua humanidade ao nível daquilo que o autor está a fazer. Qualquer pretexto, uma distância de gosto, uma distância de linguagem, uma diferença de tradição, torna-se um pretexto para te desligares. E assim não te acontece nada. Neste sentido, a relação implicada em ver obras de arte educa-nos na relação com os outros. Se tu só tens relações com aquilo que não te pede dificuldades, vais ter uma vida de entretenimento e de relações superficiais. E por isso, também o cinema pode ser visto como entretenimento, ou pode ser visto como pretexto para uma profundidade. Com uma advertência que Giussani repetia muitas vezes: é através do entretenimento que se funda a mentalidade. Não é por acaso que o entretenimento no nosso mundo é o campo de batalha mais forte. E não sei se vocês viram que todos os “players” económicos que fazem dinheiro nesta crise - a Amazon, o Facebook, o Google – agora fazem entretenimento, porque o poder desenvolve a sua tarefa muitas vezes através do entretenimento. E se a única coisa a que estás disposto é a ser entretido, não há problema, porque não te há de faltar entretenimento. Temos 120 mil canais de

entretenimento, como se houvesse necessidade. Ou então é porque é através do entretenimento que passam as ideias dominantes.

### **MRLB**

Davide, talvez alguém queira fazer uma pergunta... Alguém quer fazer uma pergunta? Sem medo!

**Intervenção:** Queria perguntar como é que *don* Giussani se referia aos autores franceses, o Claudel e o Péguy?

### **Rondoni**

Estes autores – Claudel e Péguy – tiveram uma grande influência sobre uma grande parte da cultura italiana. Também em termos polémicos. Ou seja, o grande pensamento francês, o grande veio francês, apreciado pela cultura italiana dominante, não eram Péguy e Claudel, que eram vistos, por tantos motivos, como excêntricos relativamente ao pensamento principal. Mas Giussani tinha lido e amava estes autores, e talvez muita da notoriedade destes autores se deva a *don* Giussani. Depois foram redescobertos por tantos outros.

Em Péguy, *don* Giussani sublinhava, precisamente, a palavra, a questão do Acontecimento. Esta questão do Acontecimento chegou até Péguy por meio de Bergson, como resultado de uma reflexão sobre o sentido do tempo. Fosse pela sua relação com Bergson ou com o mundo judaico, tinha a sua raiz em Péguy, porque o Acontecimento é uma forma de olhar para o mundo. Tudo é Acontecimento, tanto assim que *don* Giussani dizia que a palavra “acaso” e a palavra “mistério” são parecidas. O Acontecimento é o emergir na história e no presente de alguma coisa que vem do Mistério. É um Acontecimento o rosto da rapariga que fez aquela pergunta, como é um Acontecimento um vírus, como é um Acontecimento tudo. E também o Cristianismo pertence à categoria do Acontecimento.

De Claudel Giussani amava a enorme arte de poesia e de teatro; esta capacidade, que se vê na *Anunciação a Maria*<sup>2</sup>, mas também no *Sapato de Cetim*, que é a capacidade de entrar na profundidade de algumas figuras, da sua personalidade. Mas eu convidote, Margarida, que fizeste a pergunta, a ler Péguy e Claudel. Eu traduzi e fiz uma antologia de Péguy.

**Intervenção:** Boa noite, Davide. Obrigada pela possibilidade de nos encontrarmos, ainda que numa situação imprevista. Tu disseste que o coração de todos é um abismo, e de todos é de toda a gente, até um agricultor iletrado tem um coração que é um abismo. Então, primeira pergunta: porque é que *don* Giussani dá esta primazia à literatura? E, segunda pergunta: porque é que um homem que leva a sério a inquietação do seu coração escreve?

### **Rondoni**

Quanto à primeira pergunta, eu acho que *don* Giussani via na literatura este lugar de palavras acesas que permite conhecer melhor a existência, e por isso olhava para a literatura. Até porque a literatura é a arte da palavra e todas as experiências que nós

---

<sup>2</sup> P. Claudel, *A Anunciação a Maria*, Lucerna, Cascais, 2006

fazemos devem voltar à palavra. Até sobre as experiências inefáveis, aquelas que não se podem descrever, deves dizer que não se podem descrever, mas tens de falar delas. Ou seja, o homem é feito de palavra, e a literatura é normalmente o âmbito em que isto mais se exprime. Quando ouves o segundo andamento da *Sétima Sinfonia* de Beethoven, não consegues transformar em palavras aquela experiência musical, mas também o beijo da tua namorada não o consegues transformar em experiência verbal. Então, tentas balbuciar qualquer coisa ou ficas calado ou, então, se és um grande poeta, consegues dizer qualquer coisa.

Quanto à outra pergunta: sim, como todos têm um grande coração abismal, agricultores, contabilistas, maquinistas, é preciso alguém que fale desta experiência, um bocadinho em nome de todos, se é capaz, se tem arte para o fazer. Por isso, em toda a história da Humanidade, em qualquer latitude, em todas as culturas, em qualquer momento da história, surgem poetas, escritores. E quando um escritor é bom, tu lês a sua poesia e dizes: aqui está, está a falar da minha vida!

**Intervenção:** Usando o que disseste sobre o que é ser autor, e sendo tu próprio um autor, gostava que me dissesses, para me ajudar a entrar no livro, qual foi o aspeto daquilo que *don* Giussani disse sobre estes autores, que tu também leste, que mais te surpreendeu. Ou seja, em que é que *don* Giussani mais te surpreendeu com estes autores.

### **Rondoni**

Bem, são muitas coisas. Lembro-me, por exemplo, de duas em particular. Primeiro, a atenção que ele dá a uma poetisa, que nem sequer era uma grande poetisa, como a Ada Negri. Ele sublinha uma poesia muito bonita sobre o tempo que passa e sobre a juventude que não passa. E valoriza também um documento extraordinário, que é *As cartas sobre a dor*<sup>3</sup>, de Mounier. Uma obra secundária de um grande filósofo como Mounier, mas *don* Giussani iluminou-a em toda a sua dramática verdade.

Há tantas coisas que se podem dizer! Por exemplo, sobre Leopardi, este diálogo cerrado que ele faz com Leopardi, rompendo um certo esquema que certos autores criam para si, dependendo se são positivos ou negativos, se são otimistas ou pessimistas. Não é que *don* Giussani esteja de acordo com estes autores, aliás com alguns destes de certeza que não partilha das suas conclusões filosóficas ou até sociais. Mas o acordo que faz com eles é muito mais profundo, esse acordo está na inquietude abissal, no sentido de Mistério profundo que ele reconhece nestes autores.

**Intervenção:** Davide, eu não sou poeta...

### **Rondoni**

...melhor para ti...

**Intervenção:** ... mas uma das coisas que me fascinou no Movimento foi que, através da linguagem de Giussani, da comunicação de Giussani, ele expandiu a experiência de Jesus, tirou-a da sacristia, ela invadiu a minha existência, o mundo, a quotidianidade. Por vezes, ouço pessoas a dizer que há uma linguagem “celina”, num sentido de “para pertenceres tens de usar determinados termos”, e eu fico

---

<sup>3</sup> E. Mounier, *As Cartas da Dor*, Tenacitas, Coimbra, 2019

irritadíssima. Tu ouves este género de observações? E se sim, como é que reages? Porque olhar assim para a terminologia de Giussani, é perder uma riqueza enorme.”

### **Rondoni**

O problema não são os termos, porque é normal que qualquer agregação humana, de qualquer natureza, de qualquer género, empregue uma terminologia comum. Se estiver aqui um homem, e há vários, e nos pusermos a falar sobre futebol (agora que o Cristiano Ronaldo joga por uma nação digna), nós usamos termos específicos, usamos uma linguagem futebolística, que faz parte da nossa tribo. Por isso, eu não me escandalizo em nenhum caso que uma comunidade humana use dentro de si e para fora termos próprios. O problema nunca são os termos, o problema é se são palavras vivas ou mortas, e isto percebe-se se uma pessoa tem na boca uma língua viva ou uma língua morta. E não é um problema de estilo, nem de capacidade retórica, mas trata-se de quanto a vida arde na língua, quanta consciência e não superficialidade se tem no uso de certas palavras. Qualquer palavra, até a palavra “Deus”, pode ser pronunciada em vão, ou seja, pronunciada de maneira morta, apagada, mas isto também acontece com a palavra “filho”, a palavra “amizade” ou a palavra “dor”. Isto vale para tudo. O problema é a relação entre a vida e a língua, não é um problema de terminologia. Não sei se respondi.

**Intervenção:** Aproveitando a resposta que acabou de dar, se alguém quisesse entrar nesta tribo que autor recomendaria? Considerando os autores referidos neste livro.

### **Rondoni**

Para mim estão bem todos, podes partir de um qualquer. Não te posso dizer para começares primeiro por Dante, Leopardi, Claudel ou Péguy, são todos diferentes. Se eu te posso dar o meu conselho pessoal, eu acho que a grandeza de Dante abre a estrada para tantas coisas, porque o Dante levou a sério uma coisa que lhe aconteceu. Porque ele se apaixonou pela Beatriz, esta rapariga que tornou cheia de beatitude a vida dele, que ele chama “um milagre” - “*eu encontrei um milagre*”. E depois este milagre morre, e é um belo problema, quando a tua vida parece visitada por um milagre e depois este milagre morre. Este milagre pode ser um filho, pode ser uma pessoa amada, pode ser a juventude. Pode ser qualquer coisa por cujo desaparecimento ficas marcado. E então, o que é que Dante faz? Ele percebe que a vida dele é uma bifurcação, uma selva, e leva a sério este problema. E lança-se numa viagem. Faz uma viagem cuja meta é ver o rosto de Deus, para chegar até ao fundo do ser. E faz esta viagem seguindo autores, para ver o que é que há nos olhos de Deus. O que é que há nos três círculos do ser? Imagem maravilhosa que ele encontra. Tu que me deste a Beatriz e que ma tiraste, quem és Tu? O que és? És um bêbedo que está a escrever uma comédia, como diz um personagem do Shakespeare. És uma escuridão? És uma pura loucura? Esta é a pergunta que anima a viagem do Dante, e eu tenho a certeza de que também tu tens essa pergunta.

**Intervenção:** Poderia explicar melhor como é que a relação com o livro, com a leitura, ajuda à relação com a realidade? Muitas vezes percebo que a relação com o livro é facilitada pela beleza e isso faz-me sobretudo perceber um diálogo: alguém me está a dizer qualquer coisa através do livro. Muitas vezes, a realidade não é sempre uma obra

de arte. Como é que a leitura pode ajudar a ligar-me mais, e não a desligar-me, uma vez que a realidade por vezes é mais nua, mais árida.

### **Rondoni**

Eu acho que a única condição para que uma experiência de leitura seja rica e te ajude é que tu estejas presente quando lês, que tu existas. A realidade, como tu dizes, é feita de coisas áridas, belas, doces; é como diz Leopardi no *Canto Noturno*, “há tantos momentos”. Se tu procuras um amigo que te console e te diga “olha, a realidade é sempre doce”... nenhum bom autor te vai dizer isto. Se tu procuras um amigo que te distraia e te diga “olha para o teu umbigo”, em vez de olhares para o mundo à tua volta, então nenhum verdadeiro autor te servirá para isto. Depende do que é que tu queres dos autores. A leitura, como todas as relações humanas, não tem nada de automático. Se não há uma ponta de pergunta e de uma verdadeira presença de ti na relação com o autor, até a poesia mais bela de Pessoa ou a *Divina Comédia* não nos dizem nada. A leitura é sempre como um teatro, o autor está a fazer a parte dele, mas tu tens de fazer a tua. E a tua parte não é uma parte tranquila e contente, deves chatear-te, tens de fazer perguntas, deves meter-te com o autor, mostrar a mágoa que tens, tens de discutir com o autor, senão não há experiência de leitura. Eu acho que estes autores, e *don* Giussani com eles, são autores que não gozam contigo. Que não tratam a tua humanidade por menos do que aquilo que ela é, e não tratam o mundo por menos do que aquilo que ele é. Isto é terrível e fantástico, mas tu não queres uma vida terrível e fantástica? Ou preferes uma vida de truta?

**Intervenção:** Em Madrid contaste uma coisa belíssima, que me impressionou muito, do Eliot, em que falavas das luzes grandes e das luzes pequeninas, podes contar isso aqui?

### **Rondoni**

Não é um episódio. É o final dos *Coros de A Rocha*<sup>4</sup>, uma das coisas que mais me comove. Porque este grande poeta acaba com este hino à luz, com todo o significado que a palavra luz possa ter, e ele dá graças à grande luz pelas pequenas luzes que ele recebeu, pelas pequenas luzes que ele viu na vida. Isto a mim comove-me sempre muito. No final daquela obra maravilhosa, daquela obra magnífica, Eliot insere aquela interrogação que ainda hoje inquieta todos: foi a Humanidade que abandonou a Igreja ou foi a Igreja que abandonou a Humanidade? E ele agradece à grande luz pelas pequenas luzes que ele viu. Isto a mim impressiona-me sempre, porque nós somos ótimos a comover-nos pelas grandes luzes, e eu tive a sorte de encontrar na minha vida tantas grandes luzes! Mas estas grandes luzes são grandes porque me fazem comover pelas pequenas luzes. Eu conheci a Madre Teresa de Calcutá, uma grande santa, e isto foi comovente. Mas tenho a mesma comoção pela fé que me fez ver a minha avó ou por pequeninos gestos de fé que eu vi em tantas pessoas, porque a luz grande existe para que haja tantas pequenas luzinhas. E isto é uma das coisas mais bonitas que há nos *Coros de A Rocha* do Eliot, que é um livro de uma atualidade impressionante.

### **MRLB**

Obrigado, Davide, por esta ajuda ótima e bela, comparável à oferta de um livro.

---

<sup>4</sup> T.S. Eliot, *Coros de A Rocha*, Tenacitas, Coimbra, 2014

**Notas:**

**Introdução e Moderação**

Maria do Rosário Lupi Bello

**Transcrição**

Ana Lúcio, Margarida Lino Santos, Margarida Moniz Moreira, Ricardo Formigo

**Revisão**

Madalena Quintela, Luísa Utra Machado

**Paginação**

Pedro Martin